



UM ENSAIO SOBRE A ORIGEM DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA: A RELAÇÃO ENTRE AS ICAMIABAS E O POVO BARÉ

Jane Araújo Delgado¹

RESUMO: O artigo apresentado tem como objetivo mostrar relações entre as narrativas de origem do povo Baré e a narrativa sobre as Icamíabas, buscando dessa forma, comprovar um possível parentesco entre esses importantes povos. Para isso como metodologia foram utilizados a pesquisa bibliográfica e entrevistas com idosos pertencentes à etnia Baré, acrescento ainda algumas experiências de desconstrução e reconstrução devido o estudo sobre este povo.

Palavras chave: Mito, território, Alto Rio Negro.

RESUMO (LINGUA NHENGATU): Kuá artigo uri umukame máita yane iupirungá itá etinia bare asui umbeú mainta uyupiru Icamíabas itá usikai umukamem se aintá tamunham parte ya neanama kua povo. Yawé aramama ta sicari ta yumbeu, ta cuntai tuyo tairum ta yanama itá etnia Bare. Ambeú xinga maita ayumbeu kua povo tairum.

Yanenhenga o valerewa: yá ne nhupirungá ta contai, mamém ta vivire, Alto rio Negro.

1. INTRODUÇÃO

O povo Baré habita a terra Indígena Alto Rio Negro, homologada em 1996, é o quarto maior território indígena reconhecido do Brasil. De seus oito milhões de hectares, cerca de 92% está dentro da jurisdição do município de São Gabriel da Cachoeira/AM. Nesta Terra Indígena juntamente com os barés vivem hoje 22 povos originários.

No curso Alto do rio Negro vivem, sobretudo os Baré, devido aos processos históricos que se deram nesses territórios, os Baré, que são de filiação linguística

¹ Pedagoga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. E-mail: araujojane60@gmail.com

Aruwak, acabaram adotando o nheengatu (ou língua geral) como primeira língua, uma variação do tupi difundida na região por missionários carmelitas no período colonial.

Este artigo é resultado de uma inquietação ocorrida durante o mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia PPGSCA/UFAM, o qual me proporcionou um despertar enquanto mulher indígena pertencente ao povo baré. Apresento neste texto algumas experiências particulares, como um importante momento de desconstrução cultural durante o mestrado, fazendo relações sobre a cosmologia deste povo às guerreiras Icamiabas.

2. EU SOU BARÉ!

Sou filha de dois povos originários muito importantes do Alto Rio Negro: os baré e os tariano, assim considerando o sistema patrilinear dos povos desta região sou baré, porém nem sempre foi assim.

Como dito anteriormente a principal perda do povo Baré durante o processo de colonização foi a de sua língua-mãe, sendo que em meados de 1990 a língua já estava praticamente extinta, restando alguns poucos falantes mais velhos na região da fronteira com a Venezuela (FIGUEIREDO, 2016; NEVES, 2016).

Esse foi um dos principais motivos que na maior parte da minha vida me identifiquei como tariana. Cresci ouvindo que esse povo não era mais considerado indígena, pois teriam perdido sua cultura, seus costumes e sua língua materna.

O povo Baré até 1970 estavam mimetizados a paisagem como caboclos, pois como Luciano (2006, p. 31–32) apresenta, se reconhecer ou ser chamado de índio era sinônimo de ofensa, se mascarando como caboclos: nem índio, nem branco.

A denominação original de caboclo na Amazônia, por exemplo, está fortemente relacionada a essa negação das identidades étnicas dos índios. Foi uma invenção daqueles que não queriam se identificar como índios, mas também não podiam se reconhecer como brancos ou negros (pois não pareciam), como se fosse uma identidade de transição de índio (ser inferior ou cultura inferior) para branco (ser civilizado e superior). Neste sentido, o caboclo seria aquele que nega sua origem nativa, mas que por não poder ainda se reconhecer como branco se identificava com o mais próximo possível do branco.

Esse caráter pejorativo transcendeu do nome 'índio' para 'baré'. No Amazonas se tem a gíria 'leseira baré' utilizada para alguma atitude estúpida (ou lesa, como comumente utilizamos). Por meio do dialeto popular, se perpetuou a inferiorização de

uma etnia indígena. O termo caboclo surge como uma denominação superficial entre a miscigenação de brancos e indígenas e como uma cicatriz profunda em esconder e negar a identidade indígena.

Durante o curso de mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia UFAM, fui confrontada fortemente pelas disciplinas ministradas, sentia-me envergonhada pela postura que tomei até aquele momento, o último dia da disciplina Formação do Pensamento Social na Amazônia, foi um dia especial, dia de reencontro comigo mesma.

Ao final da disciplina, convidei os professores para conhecer um ponto muito importante da minha querida cidade, o morro da Fortaleza, que é um ponto fundamental quando se fala da origem de São Gabriel da Cachoeira, naquele lugar contei meus anseios como pesquisadora, agradei pela grande transformação que me proporcionaram.

Estávamos sentados em cima daquele alto monte contemplando a paisagem, não foi preciso contar que aquele era um ponto ancestral estratégico, um forte (porque aqueles professores sabiam e sentiam o que aquele lugar representa para os povos originários desta região) daquele ponto temos a vista para toda a cidade, foi estrategicamente escolhido pelo povo Baré para ficar em constante vigilância, já que conforme uma profecia que se encontra em sua cosmologia: “do grande Rio também viria seu pior inimigo, aquele que iria aniquilar o seu povo” e por isso teriam fundado aquele forte, esperavam com certeza mais um povo inimigo, ou qualquer outra ameaça, não esperavam, no entanto uma invasão colonizadora tamanha, uma invasão de doenças, de desrespeito, de desonra, de violência para com tudo que tinham como sagrado.

Naquele momento imaginamos como teria sido o dia em que foram surpreendidos pela chegada dos primeiros europeus, qual teria sido a reação dos Baré naquele momento? Impossível não conter as lágrimas e os professores, doutores em conhecimentos sobre o Alto Rio Negro perceberam e logo disseram uma frase que me fez reconhecer minha verdadeira identidade, ele disse: Mas agora você está aqui, como uma mulher baré, forte e resistente.

Nessa disciplina fomos expostos a um referencial teórico extenso e riquíssimo sobre o Alto Rio Negro, estudamos importantes obras que descreviam o Alto rio Negro detalhadamente, particularmente nunca foi fácil estudar sobre o processo de colonização da minha região, é sempre dolorido e revoltante reler e refletir sobre, sem contar das narrativas de horror que cresci ouvindo sobre os internatos que meus pais foram forçados a estudar.

Minha mãe sempre foi minha referencia de vida, pertencente ao povo tariano, forte, guerreira, independente, descendente de um clã muito respeitado entre esse povo, aprendi desde cedo a compreender e a falar a língua Tukano, conheci a cosmologia tariana, os seus costumes, as suas tradições. Meu pai nunca me contou muito sobre sua etnia, raramente falava o nheengatu, apenas quando se encontrava com os irmãos.

Cursando o mestrado, tive o primeiro contato com o livro Baré: O povo do Rio, que fala sobre a cosmologia deste povo, foi um lindo encontro. Este livro nos foi apresentado, pelo Professor Doutor Agenor Vasconcelos da Universidade Federal do Amazonas, um professor que estuda de forma profunda nossa região, o conhecimento que ele tem sobre o meu povo me surpreendeu de tal forma que me questionei, como que um homem não indígena sabe mais da minha própria etnia do que eu mesma? Esse foi um momento importante de desconstrução pessoal e mais importante e bonito tem sido a reconstrução da minha identidade étnica.

Estas aulas tiveram relevante impacto na minha vida acadêmica e pessoal, já que nesta disciplina também tive a oportunidade de conhecer profundamente obras que falavam sobre as Amazonas ou Icamiabas estas, foram ministradas de tal forma que despertaram a curiosidade e a necessidade de um estudo mais aprofundado. Pois foi impossível não relacionar o mito das Icamiabas com a cosmologia do povo baré.

3. SOU DESCENDENTE DAS ICAMIABAS

O rio Negro sempre foi berço dos baré, era ocupado desde Manaus até as cachoeiras de Curucuí e Buburi localidade onde se encontra a cidade atualmente de São Gabriel da Cachoeira (HERRERO; FERNANDES, 2016). Para se chegar a dominar

uma região nessas proporções pode-se imaginar o quão devem ter lutado para garantir seu território daí podemos entender porque também chegaram a ser chamados “Os Senhores do Rio”.

Atualmente existem alguns indígenas desta etnia na Colômbia e Venezuela os quais foram obrigados a fugir para essas localidades após a chegada dos colonizadores, os que ficaram tiveram sua trajetória marcada pela ocupação militar, escravização econômica, disseminação de doenças físicas e metafísicas, interdição linguística nos internatos. Como sobreviver a esse metódico etnocídio? Como resgatar a memória através de um quase nada, como conviver em meio a preconceitos em sua própria terra, ser originário daquele lugar e não ser considerado um, ser considerado branco pelos indígenas e não ser considerado branco pelos próprios brancos? Qual a posição então seria a dos barés?

Viveiros de Castro no prefácio do livro Baré: O povo do rio, em um texto chamado: O índio em devir escreveu:

Os barés são uma das respostas em ato, hoje a essas perguntas. É nisso que esta a exemplaridade desses antigos senhores do rio Negro, desse povo que desempenhou papel axial na dinâmica cultural pré-colombiana e que tem entre seus louros o fato de ter seu nome associado a uma das mais altas mitologias indígenas do continente, aquela registrada por Stradelli, Brandão de Amorim, Barbosa Rodrigues. A exemplaridade não consiste no compartilhamento de uma narrativa triste de desindianização, mas na capacidade de resistir, reagir, inverter essa narrativa, mostrando ao chamado povo brasileiro que ele é, e continua a ser uma multiplicidade tanto patente quanto latente de povos em estado de variação contínua (VIVEIROS DE CASTRO. 2016).

O relato a seguir é um trecho de uma entrevista, feita pelo Sr. B. F. que foi um importante líder baré nesta região, esta entrevista foi realizada em maio de 2023, em Julho deste mesmo ano veio a falecer, esse homem que foi de extrema importância nos primeiros passos do movimento indígena e na demarcação de terras indígenas do Alto Rio Negro. As suas palavras abaixo descrevem parte da cosmologia do Povo do rio:

Antigamente no início do mundo entrou no Rio Negro um grande navio cheio de gente, vinham de par (casal). Vinha do lado de fora apenas um homem que não foi aceito dentro por não ter um par. Ao passar pela foz do Rio Negro viram na margem, um grupo de mulheres, não resistindo a elas o homem que ia fora do navio se jogou no rio sendo agarrado pelas mulheres guerreiras que tinham o costume de aceitar somente mulheres em seu grupo, quando tinham necessidade de ter filhas pegavam machos de outras tribos e prendiam, se dessa relação nascesse uma mulher criavam se fosse homem, matavam. A morte seria o destino do homem que nadou do navio, para quem deram o nome de Mira- boia (gente cobra), por ser diferente não homem comum, as mulheres resolveram não mata-lo.

As guerreiras então prepararam uma grande festa na primeira lua cheia, a festa durou oito dias e no final da festa decidiram que Mira boia ficaria três dias com cada mulher do grupo em seu período fértil até passar por todas, quando terminasse esse período iriam

mata-lo juntamente com todos os meninos que tivessem nascidos dessa relação. Assim foi. Quando Mira-boia chega a ultima moça, a mais nova e mais querida de nome Typa (rouxinol) os dois começam a ter sentimento um pelo outro. E decidem fugir, esperam as guerreiras saírem para pesca e coleta de frutas preparação para matar mira boia, e fogem para muito longe. Neste lugar nascem-lhes muitos filhos e filhas, o casal tem mais filhos homens que mulheres. Decidem então que os homens voltariam para pegar as mulheres guerreiras para suas esposas, pois eram muitos, e assim acontece, por serem muitos ficou fácil e foram viver em uma localidade de muitas cachoeiras, hoje chamado de São Gabriel da Cachoeira, deles surgiu um povo muito forte e numeroso chamado Baré- mirá. Deles surgiram guerreiros fortes como Curucuí e Buburi. (B. F, 2023)

Após o primeiro contato com a cosmologia deste povo resolvi mergulhar mais profundamente nas pesquisas, com intuito de conhecer mais minhas origens . Assim, diante do relato acima, não tive como não associar as mulheres que capturam Mira-boia com as Icamiabas dos relatos dos primeiros europeus a chegarem nesta região.

A palavra mito significa, hodiernamente, uma história inventada, inverídica, uma mentira. Se as pessoas não creem em algo que ouvem, dizem logo que se trata de um mito. Essa acepção da palavra está no dicionário Aurélio quanto esse assevera que mito é: ideia falsa, sem correspondente na realidade.

Seria simplicidade acreditar que os mitos são mentiras, no sentido total da palavra: O mito não é uma mentira como muitos imaginam, ele é verdadeiro para quem o vive, sendo bem mais do que um simples contar de história. (RIBEIRO et al, 2015)

O sentido original de mito está na palavra grega mythos, cujo significado é discurso ou narrativa, estando, portando, essencialmente ligada à oralidade, à vocalização. A essência do mito está no fato de que era uma narrativa que era passada de geração em geração.

Quando o mundo começava a se assentar, como os homens poderiam explicar a si mesmos fatos tão incríveis e incompreensíveis como a existência de si próprios, de quem os comandava, das enchentes, dos raios e dos trovões, senão criando, para si mesmos e para seus ouvintes, explicações plausíveis?

Já na mais remota Antiguidade, os homens inventaram deuses, monstros e heróis. Admiraram seus reis e seus sábios e às vezes zombaram deles. Sua imaginação fértil explicou muitos fenômenos naturais por meio de histórias maravilhosas... Como poderiam compreender o ritmo das estações, o desaparecimento do sol no crepúsculo, as enchentes de um rio, a morte terrível, a cólera do vulcão, sem recorrer às divindades? Por meio delas, tornou-se possível compreender tudo, explicar tudo. Assim os homens aprenderam a ter menos medo. (GENEST, 2006, p. 7).

O ser humano, ao narrar, traz suas reflexões sobre as origens, o existir e seus propósitos, as relações entre os homens e o porquê estar no mundo. Daí, dessas

interrogações, os homens, cada qual a seu tempo e espaço, criaram seus mitos. Com o universo indígena, não é diferente.

Janice Cristine Thiél, em seu trabalho “Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural”, registra que, as obras indígenas estabelecem vínculos entre gerações, especialmente pelas narrativas míticas. (THIÉL, 2013, p. 1182). Sustenta a autora que, o mito fornece as bases que sustentam as relações sociais das comunidades tribais. Portanto, o mito não é construção ficcional, mas construção social. (THIÉL, 2013). São Gabriel da Cachoeira é repleto de paisagens míticas, região considerada pelas Etnias “lugar sagrado” e respeitado por seus anfitriões os baré.

Dessa forma, para compreender a possível relação que apresento neste estudo, é necessário entender a origem do mito das Amazonas ou como são conhecidas pelos povos autóctones, as Içamiabas, devemos traçar o caminho que o destino reservou para Francisco de Orellana e seus acompanhantes.

Pizarro e Orellana saem na grande expedição que saiu de Quito em 1540 e 1541, em busca do Reino do Eldorado. Na província de Motin, Orellana encontrou-se com Pizarro, Então, as tropas espanholas e seus aliados já nada mais eram do que um bando desmoralizado, maltrapilho, faminto e, sobretudo feroz. (SAMPAIO 1975 p. 30)

Finalmente, depois de seis meses de viagem, a expedição de Pizarro chegou ao rio das Amazonas, então para eles nada mais do que um grande e caudaloso rio desconhecido, graças a este relatório o nosso Amazonas não é hoje chamado "Rio Grande", "Mar Dulce" ou "Rio da Canela", porque Carvajal fixou ali, com precisão, os detalhes do encontro com indígenas que afirmaram aos espanhóis serem súditos de mulheres guerreiras, mulheres estas que participaram de um ataque a embarcação de Orellana, conta Carvajal que:

íamos desta maneira caminhando e procurando um lugar aprazível para folgar e celebrar a festa do bem aventurado São João Batista, precursor de Cristo, e foi servindo a Deus que dobrando urna ponta que O rio fazia, víssemos alvejando muitas e grandes aldeias ribeirinhas, Aqui demos de chofre na boa terra e senhorio das Amazonas. SAMPAIO 1975, p.33

Já se encontrava a expedição, “nesse tempo pelas alturas do Rio Negro, mais especificamente: no ponto em que o Negro desemboca no Amazonas (a jusante, diz Carvajal, isto é, na parte oposta a nascente)”. Portanto, estavam andando pelas proximidades do local onde hoje se encontra Manaus (SAMPAIO p. 42). Esse fato

ênfatiza o que os anciões do povo baré sempre contaram que o Rio Negro “pertencia” a esta grande nação.

Neste ponto, percebe-se conforme o relato da localização de Carvajal ser parecido com o local que o Grande Navio ao entrar no Rio Negro se depara com um grupo de mulheres guerreiras que capturam Mira Bóia, o fato é que as duas narrativas tem pontos em comum, e é certo que para algumas pessoas pode parecer estranho fazer relações entre uma lenda ou mito e uma cosmologia, porém é certo também que para nós as Icamiabas existiram e tantos os mitos como as cosmologias representam o que somos.

Seguindo com o relato de Carvajal, Sampaio descreve que “os espanhóis foram bem recebidos pelos indígenas e que por meio de intérpretes, foram informados da extensão e poderio das Amazonas”, assim como de seu costume de só receberem homens uma vez por ano e de devolverem os filhos homens, conservando consigo apenas as filhas, essa descrição também é similar ao contado pelo narrador Baré.

A seguir, Carvajal descreve as mulheres de forma precisa: Eram mulheres indígenas, de cabelos compridos e negros, pele clara - "musculosas e andavam nuas inteiramente, tapando apenas o sexo e com arcos e flechas, guerreavam tanto quanto dez índios." (SAMPAIO 1975, p.55)

Os primeiros cronistas são unânimes em afirmar que as Icamiabas seriam bonitas, possuíam cabelos compridos e negros percebemos ainda que tanto na descrição dos indígenas e não indígenas a informação sobre sua pele clara.

Aqui, com base em documentação etnológica, pode-se afirmar que ninguém mentiu, nem sequer exagerou. As Icamiabas podiam, muito bem, possuir um aspecto de "brancas". Theodoro Sampaio, em "Os naturalistas viajantes em a etnografia indígena" refere-se ao encontro com os indígenas Aimoré “(alguns deles tão brancos como os portugueses pg. 139)”. O general Rondon em "Na Rondônia Ocidental", descreve vários grupos como "morenos· claros" (pg. 134, 141, etc.). O viajante Charles Frederick Hartt vai mais além, discorrendo longamente sobre a própria natureza destas diferenças de coloração de pele entre os indígenas do Brasil.

Os baré tem a pele mais clara naturalmente, o que os diferencia salvo alguns que são mais morenos, essa característica contribui relativamente para o preconceito entre

os próprios povos indígenas, onde apontam que por terem a pele mais clara esse povo seria uma mistura de não indígenas com indígenas, não sendo considerados dessa forma um povo originário.

Analisando a origem da palavra Baré Silvia Vidal (1993, p. 88-9) lança a hipótese de que “Baré”, denota a cor branca, a claridade e a luz do sol, eles eram reconhecidos pelo enorme prestígio e pela capacidade de liderança sobre um vasto espaço geográfico.

Existem muitas variações sobre o tema das mulheres “sem marido”, que foram recolhidas por diversos exploradores e etnólogos, porém nenhuma dela é totalmente diferente. Anualmente em determinada fase lunar, provavelmente a Lua Cheia ou Quarto Crescente, as Icamiabas, que habitavam naqueles cerros, faziam uma grande festa, consagrada, simultaneamente a Lua e a “Mãe do Muiraquitá”, que habitaria no fundo da referida lagoa. A festa duraria dias e quando a Lua se refletisse bem em cima do lago, as mulheres guerreiras mergulhariam até o fundo, para receber diretamente das mãos “Mãe do Muiraquitá” os seus talismãs. Recebê-los-iam ainda moles, porém, logo que saiam d’água eles endureciam. (SAMPAIO 1975)

Neste trecho do livro percebemos outro ponto em comum entre a cosmologia dos barés e a narrativa das Icamiabas, que é o fato das mulheres guerreiras realizarem festas na Lua cheia que durariam dias, festa parecida onde as mulheres guerreiras decidiram o destino de Mira boia , foi em uma dessas festas também que Typa e Mira bóia resolveram fugir para darem início a história dos barés

4. NOTA CONCLUSIVA

Typa, a guerreira que foge do seu clã composto somente de mulheres, junto com seu companheiro, tendo em vista a importância do mito em nossa vivência, a localização em que Mira bóia saiu do navio para se juntar ao clã de mulheres, pode-se afirmar que Typa era uma das Icamiabas. Assim, diante desse estudo, é possível sim acreditar que no sangue do povo baré do Alto Rio negro corre o sangue dessas mulheres guerreiras que ainda vivem nas lembranças e no imaginário de muitos.

As mulheres deste povo têm sim algumas características das Icamiabas, são independentes, a maioria são as provedoras do lar, trabalham em roças, são

empreendedoras, professoras, pesquisadoras, algumas nos representam em cargos públicos fora do estado. A palavra que define as mulheres é Resistencia.

Assim, na campanha de destruição do outro e ocupação de seu território, o europeu, valendo-se de uma pretensa superioridade civilizacional, pretendeu a destruição do indígena e de qualquer elemento, no caso o indígena feminino que lhe impedissem de levar a cabo o projeto de conquista, porém as mulheres do povo baré resistem e carregam consigo o sangue das Icamíabas.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

CARVAJAL, Gaspar (frei) - Relación del nuevo descubrimiento del rio grande de las Amazonas. Notas de Hernandez Millares – Fundo de Cultura Econômica, México, 1955, pág. 157.

GENEST, Emile et al. As mais belas lendas da mitologia. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HARTT, Charles Frederick - Sobre os Botocudos. Cap. XX Geologia e Geografia física do Brasil. Companhia editora nacional, Brasileira, serie 5, volume 200, 1941,p.149.

HERRERO; FERNANDES Marina – Baré: o povo do rio. SESC, São Paulo, 2015.
RIBEIRO, Rosa Cristina; LUNA, Julia Falgeti; ALMEIDA, Bárbara Cristina Krüngel de Barros. A importância dos mitos para as sociedades indígenas. 2015. Disponível no link: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1152.pdf>.

RONDON. Frederico (major) - Na. Rondônia Ocidental. Compa.1938, p. 280
SAMPAIO Fernando G. – As Amazonas, Aquarius Editora e Distribuidora de Livros edição, em Português, 1975

SAMPAIO, Theodoro - Os naturalistas Viajantes e a etnografia indígena o texto integral do padre C61'1106 Teschauer S.J. , Livraria Progresso Editora, Salvador, 1956,p.305.

THIÉL, Janice Cristine. Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189.

VILLAS BOAS, Orlando e VILLAS BOAS - Xingu, os índios. seus mitos, Zahar, Rio de Janeiro, 1970, 206 p